

Os Pinochios da Economia

NEWTON KLEBER
DE THUIN

Toda história de amanhã passa sempre pelo ontem. A nossa começa na semana inicial do Plano Cruzado em março de 1986. A jovem moçoila que servia de caixa na saída do estacionamento no qual esperava eu minha vez comentava com a colega quão corajoso lhe parecia seu novo ídolo, que carinhosamente chamava de "pequeno nordestino porreta". No rádio do carro Silvinho cantava uma suave canção conclamando a todos que abrissem seus braços para que pudéssemos fazer um país. O pequeno José era então o grande Sarney, o corajoso, o salvador. Só que já estava cercado de "pinochios".

O plano mágico começou a fazer água e os pinochios ao invés de lhe recomendarem tapar os buracos preferiram irresponsavelmente lhe dizer que tudo estava normal. Apareciam os ágios, escasseavam os produtos e a carne, e lhe apresentavam soluções ridículas tipo Polícia Federal prendendo vaca; baixavam nossas reservas internacionais e institui-se uma moratória irresponsável, e lhe diziam que nada era importante, só o sucesso do plano.

Quando os castelos de papel começaram a ruir explicaram que não havia dado certo porque os juros reais não tinham sido elevados aos níveis altos como devido e necessário.

Trocaram os "pinochios".

Os novos narigudos resolveram tentar fabricar um novo milagre, e em julho de 1987 elevaram os juros reais no *overnight* à irresponsável taxa de 94,19% ao ano. Nos meses subsequentes sempre mentindo ao Presidente, informando-lhe que esses juros altos serviam para conter a demanda, impedir a formação de estoques especulativos, evitar fuga de capitais do over para ativos reais, e outras "estórias" de ocasião, mantinham-no em patamares superiores a 20%. A consequência todos conhecem: aumentando o custo da dívida interna, elevou-se a própria a níveis proibitivos, aumentando-se

o déficit público de forma irresponsável e recrudescente a escalada inflacionária.

Nos últimos 18 meses, os monetaristas ortodoxos permaneceram inviabilizando a economia, elevando a dívida interna e o déficit público com os juros altos, ao mesmo tempo que informavam ao Presidente ser necessária uma política de "feijão-com-arroz". Décio Garcia Munhoz, professor de Economia Internacional da Universidade de Brasília, chegou a escrever: "Chega a provocar arrepios quando o Governo, dirigentes de entidades empresariais e mesmo dirigentes sindicais falam na responsabilidade dos déficits públicos sobre o descontrole inflacionário, sugerindo novos cortes de despesas, redução de salários, dispensa de pessoal etc... Custa crer que tanta gente ocupando postos da mais alta responsabilidade possa estar tão desinformada a respeito das finanças públicas".

Acontece que fatos são fatos, e fatos não mentem: os juros estão subindo há 18 meses e a inflação acompanha essa subida. Se o Presidente ou qualquer outro cidadão quiser saber por que não está funcionando não há problema: sempre aparece o "pinochio" de plantão para explicar que Paul Volcker também elevou os juros para conter a inflação americana e lá teria dado certo. Não é verdade, porém a função de "pinochios" não é dizer a verdade. A verdade é que já há alguns meses o orçamento fiscal do Governo (arrecadação menos gastos) não apresenta "déficit". O "déficit" público é todo ele decorrente do serviço da dívida interna, isto é, trocado em miúdos, dos juros reais altíssimos insuportáveis e irresponsáveis, praticados pelo Banco Central no financiamento desta dívida no open market.

No momento a fantasia dos contadores de história do faz de conta do Governo está a informar ao Presidente que juros altos e diminuição dos saldos da balança comercial não ajudam no combate à inflação.

Voltam a mentir cada vez com mais assiduidade e competência. Essas duas medidas são absolutamente incoerentes e levarão o País ao caos absoluto. O próprio atual diretor da dívida pública do Banco Central manifestou-se no sentido de que em um contexto de inflação altíssima, juros reais elevados não contêm demanda nem são eficazes no enxugamento de liquidez. Chegou a dizer que é como "enxugar gelo". O Japão com seu mega-superávit comercial de US\$ 100 bilhões este ano contrastado com uma inflação de 1,5% ao ano já nos dá a medida exata da mentira propalada. A verdade é que essas medidas inviabilizam inclusive o "pacto social". Os "pinochios" tentam o engodo final, só que, agora, se tiverem êxito, terão destruído essa Nação.

O Presidente permanece um nordestino de coragem como dizia a moça do estacionamento. Todos estamos de braços abertos esperando a hora de construir essa Nação. Só falta José Sarney se convencer de que terá de cortar narizes imediatamente para levar os ouros da história. Napoleão Bonaparte dizia que ao grande estadista se exigia pelo menos uma obra inesquecível, e arrematava que a sua era o código civil francês que lhe garantia as honras da posteridade. Para erguê-la requisiou os bons, os competentes, os verdadeiros, os fiéis, os sérios e os cultos. Sem os mentirosos logrou sucesso.

Tomara que alguém sobre nos ouvidos do Presidente que a hora é chegada. Resta muito pouco tempo para erguer sua obra, mas a tarefa é viável, sem milagres ou idéias mirabolantes: basta afastar os "pinochios". A Nação continua de braços abertos. É preciso fecundá-la. Afinal restam pouco mais de nove meses para as eleições de 1989.

Newton Kleber de Thuin é engenheiro econômico e empresário do mercado financeiro